**A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE ESTRANGEIRO: Uma análise comparativa
entre Georg Simmel e Alfred Schütz¹**

**THE CONSTRUCTION OF THE FOREIGN CONCEPT: A comparative analysis
between Georg Simmel and Alfred Schütz**

Isadora Brum²

Emmanuel Brasil³

RESUMO

O presente artigo analisa e compara as construções teóricas de Georg Simmel e Alfred Schütz sobre o conceito de "estrangeiro", com o objetivo de compreender suas implicações sociológicas e psicológicas no contexto das interações sociais e culturais. A partir de uma abordagem comparativa, discute-se como Simmel define o estrangeiro enquanto figura próxima e distante, destacando sua função econômica e social, e como Schütz explora a experiência subjetiva do estrangeiro, especialmente em processos de adaptação cultural. A análise fundamenta-se em revisão bibliográfica e pesquisa documental, abrangendo as obras originais dos autores e debates contemporâneos. Os resultados evidenciam as contribuições de ambos para o estudo das dinâmicas de inclusão, exclusão e pertencimento, oferecendo ferramentas teóricas para se repensar as relações sociais no contexto da globalização e das migrações contemporâneas.

Palavras-chave: Imigração; Mobilidade; Pertencimento; Identidade.

Abstract

This article analyzes and compares the theoretical constructions of Georg Simmel and Alfred Schütz on the concept of the "stranger," aiming to understand their sociological and psychological implications in the context of social and cultural interactions. Through a comparative approach, it discusses how Simmel defines the stranger as a figure both near and distant, emphasizing their economic and social role, and how Schütz explores the subjective experience of the stranger, particularly in processes of cultural adaptation. The analysis is based on a literature review and documentary research, covering the authors' original works and contemporary debates. The findings highlight their contributions to the study of inclusion,

¹ Este artigo é resultado de uma pesquisa de iniciação científica realizada com apoio do Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP), por meio de edital específico para fomento à pesquisa acadêmica.

² Graduanda em Relações Internacionais no Instituto Brasileiro de Ensino, Desenvolvimento e Pesquisa (IDP). Estagiária no Ministério da Justiça e Segurança Pública.

³ Doutorando em Ciências Sociais pela Universidade de Brasília. Professor no IDP.

exclusion, and belonging dynamics, offering theoretical tools to rethink social relations in the context of globalization and contemporary migrations.

Keywords: Immigration; Mobility; Belonging; Identity.

1. Introdução

O presente artigo tem como principal objetivo analisar de maneira crítica os textos "O Estrangeiro" de Georg Simmel (1983) e Alfred Schütz (2010), dois pensadores fundamentais para a compreensão das relações entre a mobilidade, o pertencimento e a construção das dinâmicas sociais contemporâneas. Ambos os autores abordam o estrangeiro como uma figura social multifacetada, cujas experiências revelam tanto a complexidade das interações humanas quanto as estruturas de exclusão e inclusão que permeiam as sociedades modernas. A escolha desses autores justifica-se não apenas pela profundidade teórica de suas contribuições, mas também por sua relevância na interpretação dos desafios enfrentados por estrangeiros em contextos históricos e contemporâneos.

Ao longo da história, os movimentos migratórios moldaram não apenas as relações entre diferentes povos, mas também a formação de identidades nacionais e estruturas sociais. No século XIX, o estrangeiro ganhou destaque em debates sociológicos, especialmente no contexto da crescente urbanização e industrialização que transformaram profundamente as dinâmicas sociais na Europa. Georg Simmel e Alfred Schütz abordaram esse tema em períodos distintos, mas ambos compartilharam a preocupação em compreender como os processos de inclusão e exclusão moldam a condição do estrangeiro. Enquanto Simmel analisa o estrangeiro a partir de sua posição objetiva na sociedade, Schütz explora a experiência subjetiva de adaptação cultural, destacando os desafios e as barreiras enfrentados por aqueles que buscam integrar-se a novos contextos sociais.

A figura do "estrangeiro" emerge como um tema central em um mundo marcado por intensos fluxos migratórios, deslocamentos forçados e tensões identitárias. Mais do que um sujeito que transita entre fronteiras, o estrangeiro torna-se uma lente para compreender como as sociedades lidam com alteridades, diversidade cultural e crises de pertencimento. Nesse

sentido, estudar o estrangeiro implica investigar os processos pelos quais indivíduos e grupos sociais se tornam parte, ou são excluídos, das comunidades que os acolhem. Ao abordar essas questões, o artigo conecta os marcos teóricos de Simmel e Schütz aos debates atuais sobre migração, xenofobia e políticas de integração.

Georg Simmel, ao apresentar o estrangeiro como alguém que está simultaneamente próximo e distante, destaca os aspectos econômicos, sociais e simbólicos de sua posição. Por outro lado, Alfred Schütz aprofunda a análise ao explorar a experiência subjetiva do estrangeiro, especialmente os desafios de adaptação cultural e a reconstrução de sua identidade em um novo ambiente social. Esses dois enfoques complementares oferecem ferramentas teóricas valiosas para interpretar os dilemas vividos por migrantes, refugiados e apátridas, bem como as dinâmicas sociais e culturais que moldam suas experiências.

A relevância dessa análise é ampliada quando aplicada ao contexto atual, onde desigualdades estruturais, preconceitos históricos e políticas de exclusão continuam a impactar a vida de milhões de indivíduos em mobilidade. A figura do estrangeiro torna-se, assim, uma metáfora para refletir sobre os desafios e as possibilidades de construir sociedades mais inclusivas, capazes de valorizar a diversidade cultural e garantir direitos iguais a todos os seus membros. Nesse contexto, a análise proposta busca não apenas enriquecer o debate acadêmico, mas também promover uma autorreflexão sobre o papel do estrangeiro na sociedade contemporânea e as formas de convivência baseadas na empatia, no respeito e no reconhecimento mútuo.

O artigo está estruturado em três seções principais. Na primeira, discutiremos os sujeitos que se encaixam nas definições de estrangeiro segundo Simmel e Schütz, destacando as categorias contemporâneas de migrantes, refugiados e apátridas. Na segunda seção, analisaremos as contribuições de outros autores sobre o tema, contextualizando as ideias dos dois pensadores no âmbito de debates teóricos e empíricos mais amplos. Por fim, a terceira seção será dedicada a uma análise comparativa entre as obras de Simmel e Schütz, explorando suas convergências e divergências teóricas e suas implicações para os estudos sobre mobilidade e pertencimento. Com isso, espera-se contribuir para uma compreensão mais profunda e crítica do conceito de estrangeiro e suas aplicações nas ciências sociais contemporâneas.

2. Revisão de Literatura

2.1 Os conceitos para definir quem está em mobilidade

Simmel (1983) apresenta o estrangeiro como um intermediário econômico, alguém que desempenha um papel funcional essencial, mas que também é alvo de desconfiança em comunidades fechadas. Essa figura pode ser interpretada como um reflexo das tensões inerentes à modernidade, onde as relações humanas passaram a ser mediadas por valores econômicos e pela lógica de mercado. Esse ponto é particularmente relevante para compreender os fluxos migratórios contemporâneos, nos quais os imigrantes frequentemente ocupam posições de destaque em setores econômicos específicos, ao mesmo tempo em que enfrentam preconceitos e barreiras sociais.

Alfred Schütz (2010), por outro lado, foca na dimensão subjetiva da experiência migratória. O estrangeiro em sua análise não é apenas alguém que chega a um novo lugar, mas um indivíduo que precisa reinterpretar e reconstruir sua visão de mundo para se adaptar a uma nova realidade social. O conceito de "receitas culturais", introduzido por Schütz, é particularmente útil para entender como os migrantes se inserem em contextos culturais distintos, muitas vezes enfrentando desafios relacionados à língua, aos costumes e às expectativas sociais.

A partir dessas bases teóricas, o debate pode ser enriquecido com categorias adicionais, como o refugiado e o apátrida. Ambas as figuras, embora distintas, compartilham elementos de exclusão social e jurídica que as aproximam do conceito de estrangeiro. A expansão dessas categorias amplia a análise e permite conexões mais diretas com os desafios enfrentados por indivíduos em mobilidade atualmente.

Por conseguinte, para uma melhor análise e interpretação dos textos, devemos definir quais são os diferentes sujeitos que estão em mobilidade, que se refere ao movimento de indivíduos ou grupos sociais entre posições diferentes dentro de um sistema de estratificação social em uma sociedade. (Tuíla, 2017, p. 495).

Dessa forma, o primeiro a ser analisado será o andarilho, que rompe com as formas de vida sedentárias, baseadas em vínculos e relacionamentos psicossociais estáveis, construídos em espaços e tempos delimitados. Logo, esse indivíduo anda sem um destino pré-estabelecido pelas ruas, tendo que utilizar estratégias de sobrevivência para lidar com as adversidades e dificuldades dessa condição de vida bastante severa. (Nascimento; Justo, 2017, p. 68).

Já a clássica definição de refugiado se encontra na Convenção de 1951 Relativa ao Estatuto dos Refugiados no art. 1º, inciso II, onde define-se refugiado como:

Qualquer pessoa que em consequência dos acontecimentos ocorridos antes de 1º de janeiro de 1951 e temendo ser perseguida por motivos de raça, religião, nacionalidade, grupo social ou opiniões políticas, se encontra fora do país de sua nacionalidade e que não pode ou, em virtude desse temor, não quer valer-se da proteção desse país, ou que, se não tem nacionalidade e se encontra fora do país no qual tinha sua residência habitual em consequência de tais acontecimentos, não pode ou, devido ao referido temor, não quer voltar a ele. (Convenção Relativa ao Estatuto dos Refugiados, 1951, p.2).

Do mesmo modo, devo mencionar os apátridas, que de acordo com a Convenção da ONU de 1954, relativa ao Estatuto dos Apátridas, são aqueles indivíduos que não são considerados nacionais de nenhum Estado. A apatridia, portanto, pode ser tanto a causa quanto a consequência da migração internacional, visto que, para algumas leis de nacionalidade, um longo período de ausência do território estatal pode causar a perda da nacionalidade, o que pode tornar a pessoa apátrida.

Por conseguinte, o imigrante é definido como sendo uma pessoa que deixou a sua terra natal para residir em outro espaço social (Cavalcanti, 2017, p. 398). Dessa forma, a construção social da figura do imigrante não é objetiva, mas sim uma construção política e social, frequentemente associada a uma hierarquia entre nações desenvolvidas e subdesenvolvidas. Nesse cenário, o imigrante não é apenas uma figura que migra, mas uma construção social carregada de estigmas e de um status "provisório", algo sobre o que é essencial refletir para se entender as dinâmicas sociopolíticas atuais das migrações internacionais.

2.2 O debate sobre o Estrangeiro na literatura

A partir disso, Santos (2020) compara a figura do estrangeiro de Simmel à mulher e ao pobre, de maneira que estão todos designados socialmente por assimetrias negativas nas relações sociais. No entanto, nem sempre essas assimetrias nas relações sociais são negativas, de modo que as relações têm potencial para gerar mudanças e inovações dentro dos grupos sociais. Embora a assimetria geralmente implique desvantagens para certos indivíduos, como

mulheres, pobres e estrangeiros, ela também pode abrir espaço para novas perspectivas e transformações sociais.

Da mesma forma, os estrangeiros, por estarem menos enraizados em um grupo, têm a capacidade de observar e criticar as dinâmicas sociais de maneira mais objetiva, introduzindo ideias e práticas que podem enriquecer o grupo e promover a diversidade.

Nem sempre essa assimetria na interação é negativa. Ela pode carregar a potencialidade para que alterações sejam promovidas no âmbito dos grupos. Especialmente no caso da mulher e do estrangeiro/estranho, esse aspecto é acentuado. [...] Ao estrangeiro/estranho, por sua vez, é facultada a capacidade de introduzir elementos novos no grupo do qual se aproxima e de julgar de maneira mais neutra e livre seus desenvolvimentos. (SANTOS, 2020, pg. 10).

Assim, a assimetria pode ser vista como uma oportunidade para que esses indivíduos, mesmo em sua posição marginalizada, contribuam com novas soluções, questionem estruturas estabelecidas e promovam um reexame dos valores e das práticas sociais. Essa dinâmica sugere que, embora a posição de desvantagem possa ser dolorosa e limitante, também pode impulsionar a evolução social ao desafiar o status quo e incentivar a inclusão e a reflexão crítica sobre as normas existentes.

Já Tedesco (2016), em seu texto sobre o imigrante na modernidade, versa sobre a famosa ambivalência do estrangeiro destacada na obra de Simmel (1983), que é baseada justamente nessa relação de distância e proximidade, ou de familiaridade e afastamento. O estrangeiro é também associado a uma relação econômica e social marcada pela liberdade, mas também pela fragilidade e insegurança, por não possuir vínculos afetivos ou sociais profundos com o grupo social em que se inseriu, logo, essa posição de "não-pertencimento" lhe confere uma liberdade objetiva, mas também o expõe aos riscos de marginalização.

Não obstante, o autor explica que o estrangeiro é visto como um "sujeito-síntese" da modernidade, representando tanto a mobilidade quanto os limites, a inclusão quanto a exclusão. Dessa forma, a própria existência do estrangeiro questiona a noção de pertencimento e provoca tensões nas representações de identidade, liberdade e diferença. Em última análise, o estrangeiro seria considerado uma categoria sociológica que expressa a ambivalência das relações humanas e os paradoxos da modernidade.

No referido ensaio, o autor define o lugar singular do estrangeiro no espaço físico, no campo social e simbólico. O estrangeiro participa e provoca um cenário que une dimensões contrárias: pertencimento e ruptura, alteridade e desejo de participar,

distanciamento e proximidade, socialização e dessocialização (RAPHAEL, 1986, p. 257).

Assim, Tedesco (2016) descreve a importância da obra do sociólogo, que problematiza a figura do imigrante, a partir de uma análise feita por lentes ainda não utilizadas na época, principalmente por buscar compreender de dentro para fora um grupo tão marginalizado e muitas vezes invisível.

A questão do estrangeiro revela o olhar sensível e fino de Simmel ao mundo em movimento com a modernidade, com o capitalismo ganhando corpo, com o metropolitismo padronizando a vida urbana, massificando ações, gostos e consciências, com as reações dos indivíduos, sua resignação e contraposição (WAIZBORT, 2000).

Em seu texto sobre o estrangeiro e o homem moderno, Mariz (2011) destaca ambos os ensaios analisados neste presente artigo, de Schütz (2010) e Simmel (1983), de forma a traçar um paralelo entre eles, na medida em que ambos escolheram estudar a experiência de alguém de fora do grupo ou estranho a ele, porém focam em aspectos diferentes em cada obra. Sendo assim, enquanto Simmel escolhe enfatizar a análise das relações sociais em si entre o estrangeiro e os membros do grupo, Schütz enfatiza o processo de adaptação desse indivíduo e sua ressocialização.

Por conseguinte, Mariz (2011) busca compreender como esse grupo em específico chamou a atenção de ambos os autores. Para isso, a autora traz elementos biográficos e lembra que os dois eram também estrangeiros, visto que Simmel era judeu em uma Alemanha nazista e Schütz, um austríaco exilado nos Estados Unidos. Diante disso, fica clara a intenção dos autores em abordar esse tema, no entanto, a autora acredita que havia outros motivos além de motivações pessoais.

Antônio Siteo (2023) analisa a ambivalência que caracteriza a experiência do imigrante ou estrangeiro, ressaltando as tensões e possibilidades que sua presença provoca nas sociedades de acolhimento. Baseando-se em autores como Georg Simmel (1908) e Zygmunt Bauman, Siteo argumenta que o estrangeiro, por trazer consigo uma identidade étnica e cultural distinta, desperta reações conflitantes: um misto de distanciamento e curiosidade. Essa ambivalência, novamente mencionada, reflete tanto a atração pela novidade quanto o medo de uma possível ameaça à identidade e aos valores predominantes da sociedade receptora.

Logo, quando a sociedade que recebe esse indivíduo não está preparada para lidar com a diversidade, o imigrante pode ser percebido como um “inimigo interno”. Essa percepção se baseia em uma visão de ameaça às normas, às tradições e à estabilidade da comunidade, gerando desconfiança e preconceito, visto que o estrangeiro é percebido como um intruso. Apesar disso, Siteo destaca que, em contextos favoráveis, esse processo de “estrangeiridade” pode se transformar em um elemento de enriquecimento cultural e social, promovendo maior abertura ao reconhecimento da diversidade.

Portanto, a coexistência entre os imigrantes e os nativos, mesmo com uma identidade predominante, abriu um espaço para o reconhecimento do outro como pessoa, conseqüentemente como sujeito de direitos em pé de igualdade com os autóctones com quem partilham o mesmo espaço. Por essa razão, nesse espaço, o diálogo entre culturas, a construção de mecanismos de integração social, a participação e o reconhecimento da igualdade de direitos e de oportunidades tornaram-se cada vez mais importantes na região. (SITEO, 2023).

Siteo (2023) destaca que Alfred Schütz (2010) complementa sua análise ao ressaltar os desafios psicológicos enfrentados pelo estrangeiro. Ele aponta que o imigrante, ao ingressar em um novo ambiente social, muitas vezes carece de referências compartilhadas que facilitem a compreensão dos comportamentos e valores da sociedade anfitriã. Essa falta de familiaridade gera desconforto psicológico e, em muitos casos, isolamento social. Em contrapartida, o distanciamento e a incompreensão por parte da sociedade receptora podem aprofundar preconceitos, ampliando o fosso entre nativos e imigrantes.

Portanto, o texto enfatiza que a integração do estrangeiro na sociedade requer esforços mútuos, dessa forma, é necessário promover espaços de diálogo, onde a diversidade cultural seja valorizada e o reconhecimento de direitos e oportunidades seja garantido. Ao mesmo tempo, é fundamental minimizar os fatores que levam ao isolamento e ao preconceito, criando um ambiente propício para o convívio harmonioso e para a construção de uma sociedade mais inclusiva.

Ao explorar como outros autores interpretam as ideias de Simmel e Schütz, fica evidente a profundidade e o alcance do conceito de "estrangeiro". Esses debates não apenas revelam os múltiplos desdobramentos das teorias originais, mas também apontam para sua relevância contínua em temas como pertencimento, mobilidade e alteridade.

Entretanto, para compreender plenamente as contribuições de Simmel e Schütz, é necessário revisitar seus textos diretamente, investigando suas concepções sobre o

"estrangeiro" com base nos contextos específicos em que suas ideias foram elaboradas. Essa análise permitirá destacar as nuances teóricas de cada autor e discutir em que medida suas reflexões ainda dialogam com os desafios contemporâneos.

Portanto, o próximo passo será examinar as obras "O Estrangeiro", de Georg Simmel, e o ensaio de Alfred Schütz, explorando as características atribuídas ao estrangeiro, suas dinâmicas de interação com o grupo social e as implicações culturais e sociais de suas posições. A partir dessa análise, buscaremos identificar não apenas os pontos de convergência e divergência entre os dois autores, mas também compreender como essas ideias podem nos ajudar a repensar o papel do estrangeiro atualmente.

3. Percurso Metodológico

A partir da leitura dos textos "O estrangeiro" de ambos os autores, Georg Simmel e Alfred Schütz, planejo destrinchar cada linha dos textos por meio de uma extensa leitura e, a partir disso, analisá-los individualmente, interpretando sua ideia geral, definindo o objeto de estudo de cada texto e depois comparando-os a partir de suas diferenças e semelhanças.

Sendo assim, partindo da delimitação do objeto de estudo, o estrangeiro em ambos os textos, delinearei suas possíveis definições, com o apoio de uma vasta bibliografia, visto que o termo "estrangeiro" abrange um extenso grupo de indivíduos, cada um com suas peculiaridades. A contar desse momento, devo comparar essas definições com o contexto descrito pelos autores e verificar quais designações se atrelam melhor às experiências descritas por Simmel e Schütz.

Dito isso, utilizarei o método comparativo, que busca a análise e investigação de classes, indivíduos, fenômenos ou fatos, que ressalta as similaridades e diferenças entre eles. Conforme Gil (2008) e Prodanov e Freitas (2013), esse método é particularmente relevante nas Ciências Sociais, pois possibilita a análise comparativa de grandes grupos sociais, muitas vezes separados pelo tempo e espaço. No caso deste estudo, o método permitirá evidenciar como as

teorias de Simmel e Schütz dialogam entre si e com os desafios contemporâneos associados à mobilidade humana. Entre os critérios de análise estão: (1) a sobreposição ou distinção dos significados atribuídos ao termo “estrangeiro” e “imigrante”; (2) a relação do indivíduo abordado com o seu país de origem; e (3) como ele é visto pelo novo grupo social em que se insere.

A pesquisa documental será desenvolvida por meio da utilização de documentos como fonte de dados, priorizando textos originais dos autores e estudos críticos sobre suas obras. Essa abordagem é fundamental para garantir uma análise rica em citações e fontes diversas, ampliando a compreensão do caso concreto. A pesquisa documental, conforme Kripka, Scheller e Bonotto (2015), permite explorar fontes primárias e secundárias de maneira estruturada, destacando-se como uma ferramenta essencial para investigações em ciências sociais. No caso deste trabalho, os textos de Simmel e Schütz são examinados em diálogo com outras interpretações e com o contexto histórico em que foram produzidos, garantindo uma leitura crítica e atualizada.

O uso do software Zotero facilitou a organização das referências bibliográficas, permitindo a categorização de fontes e a extração de trechos relevantes para análise. Essa etapa foi essencial para sistematizar as ideias e garantir a coesão do texto final. Além disso, a utilização de ferramentas digitais contribuiu para a criação de um banco de dados robusto, que serviu de base para identificar padrões e contrastes nas obras analisadas.

Outro aspecto importante foi a contextualização histórica e teórica. Georg Simmel desenvolveu sua análise do estrangeiro em um momento de grande transformação social, marcado pela urbanização e industrialização da Europa no início do século XX. Já Alfred Schütz, um exilado nos Estados Unidos, abordou o tema em um contexto de deslocamentos forçados e adaptação cultural, enfatizando os desafios subjetivos enfrentados por migrantes. Essa contextualização não apenas esclarece as motivações dos autores, mas também reforça a relevância de suas teorias para os debates contemporâneos sobre mobilidade, pertencimento e exclusão.

Por fim, o percurso metodológico inclui uma reflexão crítica sobre a aplicabilidade das teorias de Simmel e Schütz em contextos atuais. Estudos empíricos que utilizam suas ideias foram analisados para estabelecer conexões entre os conceitos discutidos e os desafios enfrentados por migrantes, refugiados e apátridas hoje. Essa abordagem interdisciplinar visa

não apenas compreender o passado, mas também oferecer perspectivas para enfrentar os problemas do presente.

4. Análise de dados e discussão

O autor Alfred Schütz (1899-1959) foi um sociólogo e filósofo austríaco, amplamente reconhecido por suas contribuições à fenomenologia social. Influenciado por Edmund Husserl e Max Weber, Schütz focou na análise da experiência subjetiva dos indivíduos e de como as ações sociais são construídas a partir das percepções e dos significados atribuídos ao mundo social. Alfred foi crucial para o desenvolvimento da fenomenologia social, abordando como os indivíduos interpretam o mundo e interagem com ele, levando em consideração suas experiências e o contexto de suas ações cotidianas. A obra de Schütz também se dedicou ao estudo das estruturas de interação social e à compreensão das diferentes perspectivas de cada ator social, introduzindo conceitos como a "vivência social" e a ideia de "mundo social".

Da mesma maneira, Georg Simmel (1858-1918) foi um importante cientista social alemão, reconhecido por sua contribuição inicial à sociologia e pelo desenvolvimento da "sociologia formal", que se concentra na análise microssociológica dos fenômenos sociais, estudando as interações e ações dos indivíduos. Essa abordagem se distingue de outras perspectivas macrossociológicas, como o estruturalismo e o funcionalismo, ao priorizar as relações entre os atores sociais. Assim, influenciado pelas ideias filosóficas de Immanuel Kant, Simmel via a realidade social como complexa e caótica, sendo possível compreendê-la por meio de categorias ou modelos analíticos que ajudam a ordenar o conhecimento e interpretar os fenômenos. Esses modelos não são apenas ferramentas dos cientistas sociais, mas também são utilizados pelos próprios indivíduos nas suas interações, funcionando de maneira semelhante ao conceito de "tipo ideal" de Max Weber, com quem Simmel manteve um constante diálogo em suas obras.

Portanto, o texto "O Estrangeiro", de Georg Simmel, oferece uma análise da condição do estrangeiro na sociedade, abordando suas características, seu papel e seus processos de interação com a comunidade local. O autor inicia sua obra delimitando exatamente qual tipo de estrangeiro será analisado no texto: o estrangeiro que fica, não o que chega hoje e parte

amanhã. (Simmel, 1983). Com isso, o objeto de análise não deve ser confundido com um andarilho, por exemplo, indivíduos que vivem se deslocando de um lugar a outro, tornando a viagem não um meio, mas a finalidade da existência. (Nascimento; Justo, 2017, p. 68). Desse modo, Simmel (1983) caracteriza esse estrangeiro como alguém que, embora esteja presente fisicamente, mantém uma certa distância psicológica e social em relação ao grupo no qual está inserido. Assim sendo, o estrangeiro não é apenas emocional, mas também culturalmente distante, o que gera uma dinâmica de estranhamento e, ao mesmo tempo, uma oportunidade para uma perspectiva mais objetiva das relações sociais.

Uma das características fundamentais do estrangeiro é sua posição como intermediário, especialmente no contexto econômico, que gera oportunidade de emprego. Assim, Simmel observa como os estrangeiros frequentemente se envolvem no comércio, atuando como intermediários. Dessa forma, a capacidade de mobilidade e independência desses indivíduos os capacita para essa função, possibilitando-lhes explorar oportunidades que os membros do grupo local não conseguem e, muitas vezes, por já terem seu papel estabelecido na sociedade, não querem alcançar. No entanto, essa posição intermediária também os torna suscetíveis a serem vistos como intrusos e gera desconfiança, especialmente em comunidades fechadas.

Além disso, Simmel discute a tensão entre proximidade e distância na relação com os estrangeiros. Já que, embora possam compartilhar algumas características gerais comuns com a comunidade local, eles permanecem distantes devido à sua condição de estrangeiros e suas diferenças serem particulares. Essa tensão cria uma dinâmica complexa de interação, em que os estrangeiros são ao mesmo tempo integrados, pelo comércio por exemplo, e excluídos da comunidade local.

A objetividade é outra característica destacada por Simmel. De acordo com o autor, os estrangeiros tendem a manter uma certa objetividade em relação às questões locais, o que lhes permite enxergar as situações com uma perspectiva mais imparcial. Logo, eles não estão enraizados nas dinâmicas sociais locais, ou seja, não “verdadeiramente” fazem parte nem atendem às particularidades do grupo, o que lhes permite analisar e compreender os acontecimentos ao seu redor de uma forma mais objetiva e livre de influências internas.

Já o texto de Alfred Schütz pretende analisar uma típica situação dos estrangeiros, quando encontram-se tentando interpretar o padrão cultural de vida, como leis e costumes do grupo social do qual pretendem se aproximar e, a partir dessa interpretação, buscar orientação dentro desse grupo. Logo, Schütz (2010) descreve o estrangeiro como sendo qualquer

indivíduo adulto do nosso tempo e civilização que tenta ser permanentemente aceito ou pelo menos tolerado pelo grupo do qual ele se aproxima. No entanto, apesar de existirem outros estrangeiros que se encaixam em sua definição, como visto anteriormente, o autor deixa claro que o foco da análise será especificamente o estrangeiro imigrante.

O notável exemplo para a situação social aqui examinada é aquela do imigrante, e as análises seguintes são, como uma questão de conveniência, elaboradas com este ponto de vista. (SCHÜTZ,2010, pg. 118).

Como uma forma de introdução ao seu texto, Alfred Schütz (2010) propõe uma distinção entre o sociólogo e o indivíduo, ator que vive no mundo social, bem como diferenças em suas perspectivas. O sociólogo é descrito como um observador "cientificamente desinteressado" do mundo social que busca estudar e entender o mundo social de maneira objetiva, sem se envolver emocionalmente ou pessoalmente nos aspectos que está analisando. Surge então um esforço para descrever e classificar o mundo social de acordo com padrões científicos, como coerência e consistência, mantendo-se neutro em relação aos objetos de estudo. Por outro lado, para o ator, o mundo social é um campo de suas reais e possíveis ações e somente secundariamente um objeto de seu pensamento. Sendo assim, o conhecimento que ele adquire sobre seu ambiente é organizado em torno de sua relevância para suas ações e interesses pessoais, ou seja, ele busca saber mais sobre aquilo que pode impactar suas decisões e menos sobre o que considera irrelevante.

Sua proposta principal tem sido ilustrar que o conhecimento do homem que age e pensa dentro do mundo de sua vida cotidiana não é homogêneo; este é (1) incoerente, (2) somente parcialmente claro, e (3) não totalmente livre de contradições. (SCHÜTZ,2010).

Apesar da falta de homogeneidade no conhecimento do ator, para os membros de um grupo social, ele parece suficientemente coerente, claro e consistente, permitindo que as pessoas se entendam e se comuniquem de forma coesa dentro de seu contexto social. Os membros do mesmo grupo aceitam o padrão cultural por eles herdado (as normas, crenças e conhecimento que lhes foram transmitidos pelos ancestrais, professores e autoridades) como um inquestionável guia para viver o dia a dia.

Schütz explica como as pessoas fazem uso de "receitas" culturais, determinadas práticas ou diretrizes que ensinam como agir para obter resultados desejáveis e evitar consequências

indesejadas com o mínimo esforço. Dessa forma, essas “receitas” funcionam como preceitos para tomar atitudes, orientando as pessoas sobre o que fazer para alcançarem determinados objetivos e como uma maneira de interpretarem o comportamento dos outros.

O estrangeiro, por outro lado, não compartilha essas suposições ou “receitas” do grupo porque não fez parte da tradição histórica e cultural desse novo ambiente em que se insere. Impossibilitado de ver o padrão cultural do grupo como algo confiável, pois não teve as mesmas experiências, o grupo de origem do imigrante continua a ser o referencial para sua concepção de mundo, que ele tenta aplicar ao novo ambiente. No entanto, essa abordagem logo se revela inadequada, pois o novo grupo possui uma cultura e tradições próprias que não são facilmente compreensíveis para ele justamente por não ter tido esse convívio.

O ser humano aprende os significados de se relacionar com os outros mediante esquemas tipificados ou papéis sociais, que tornam habituais alguns comportamentos e interações sociais (NUNES, 2008).

Logo, ao tentar uma aproximação, deixa de ser apenas um observador passivo do padrão cultural do novo grupo e passa a ser um agente ativo. Assim, o estrangeiro enfrenta uma crise ao descobrir que não pode mais confiar nas formas de interpretação de seu grupo de origem e precisa desenvolver uma nova maneira de compreender e se orientar em seu novo grupo social. A adaptação de estrangeiros é influenciada pela proficiência no idioma, que facilita a integração, e por fatores pessoais, como motivação e situação familiar. Da mesma maneira, o status legal do estrangeiro, seja como imigrante, documentado ou indocumentado, também impacta suas oportunidades de planejamento e ajuste. Assim, o processo de adaptação é complexo, envolvendo aspectos psicológicos, culturais e econômicos que refletem a interação entre condições pessoais e contextuais. (Birrell, 2017, p. 45).

Não se pode escrever inocentemente sobre a imigração e sobre os imigrantes; não se pode escrever sem se perguntar o que significa escrever sobre esse objeto, ou, o que é o mesmo, sem interrogar-se acerca do estatuto social e científico desse mesmo objeto. (SAYAD, 1998, p. 21).

A partir das análises dos textos devemos, portanto, refletir sobre a qual tipo de estrangeiro o autor se refere, visto que não é explicitamente expresso. Desse modo, já tendo

prévio conhecimento sobre os diferentes tipos de estrangeiros que se encaixariam no papel descrito por Simmel, aprofundarei mais nessa dinâmica de interação.

Dessa forma, devo ressaltar que não é todo refugiado que recebe esse tratamento descrito por Simmel, como uma pessoa que gera desconfiança e estranhamento do grupo em que se insere, certos “tipos” de refugiados podem inclusive receber completa empatia desse grupo, dependendo de sua aparência, o que aumenta o preconceito com os estrangeiros que não se encaixam nesse estereótipo. Como podemos observar na seguinte fala; “É muito emocionante para mim porque vejo pessoas europeias com olhos azuis e cabelos loiros sendo mortas”, diz o vice-procurador-chefe da Ucrânia, David Sakvarelidze, em entrevista à BBC.⁴

“A cobertura mais racista da Ucrânia na TV” foi denunciada pelo jornalista Alan MacLeod em seu Twitter, reproduzindo falas ou textos, como, por exemplo, “...olhar para eles, a maneira como estão vestidos. São pessoas prósperas, de classe média. Não são obviamente refugiados tentando fugir do Oriente Médio...ou do norte da África. Eles se parecem com qualquer família europeia que moraria do seu lado” (Al Jazeera).

O conceito de apátrida, por outro lado, pode ser parcialmente associado ao estrangeiro de Simmel, especialmente na medida em que ambos vivem em uma condição de exterioridade em relação ao grupo social dominante. No entanto, o apátrida enfrenta uma exclusão jurídica, que não é um elemento central na teoria simmeliana. Já o refugiado, enquanto um indivíduo deslocado por fatores externos, pode se encaixar no conceito de estrangeiro desde que permaneça em um lugar por tempo suficiente para estabelecer relações sociais ambíguas de proximidade e distância.

Seguindo essa lógica, com base no Manual do Acnur para a Proteção dos Apátridas, mencionado anteriormente e publicado em junho de 2014, um indivíduo apátrida pode ser migrante ou não, portanto, o refugiado só se encaixaria nas características descritas por Simmel se esse for migrante, visto que ele enfatiza o fato do estrangeiro descrito ser culturalmente distante.

Para Georg Simmel, o estrangeiro é um indivíduo que está simultaneamente próximo e distante do grupo social no qual se insere, portanto, ele não é um viajante que chega e parte rapidamente, mas alguém que permanece em um lugar, mantendo, contudo, uma certa distância

⁴ SAKVARELIDZE, David. David Sakvarelidze: depoimento [fev, 2022]. Entrevista online concedida ao jornal BBC. Disponível em: ["European people with blue eyes and blonde hair being killed" what a BBC interviewee commented.](#)

psicológica e cultural. Logo, o estrangeiro simmeliano é frequentemente associado a um papel econômico, como o de intermediário comercial, uma posição que lhe confere objetividade, mas também desconfiança e essa definição parece excluir figuras como o andarilho, cuja identidade está ligada ao movimento constante e à ausência de raízes.

Já o imigrante, como indivíduo que busca integrar-se em uma nova sociedade, parece ser uma correspondência mais próxima ao estrangeiro descrito em Simmel, visto que ele mantém laços culturais com sua terra de origem enquanto enfrenta desafios de adaptação em seu novo ambiente. Contudo, é importante ressaltar que Simmel não define explicitamente o estrangeiro, mas oferece uma moldura conceitual que abrange sua condição.

Alfred Schütz, por sua vez, aborda o estrangeiro de uma maneira mais subjetiva, enfatizando sua experiência em interpretar e se adaptar ao padrão cultural de um grupo social ao qual busca pertencer. Para Schütz, o estrangeiro é um imigrante que precisa abandonar as "receitas" culturais de seu grupo de origem e desenvolver novos padrões de compreensão para ser aceito ou tolerado. Nesse sentido, o andarilho é novamente excluído da análise, pois sua mobilidade constante o impede de participar do esforço de adaptação cultural. Já o apátrida, que também compartilha a dificuldade de encontrar um lugar de pertencimento, se alinha diretamente ao conceito de Schütz, já que sua análise se concentra nas interações entre diferentes culturas.

O refugiado também pode ser incluído na análise de Schütz, especialmente se ele buscar integração em uma sociedade que lhe oferece refúgio. A crise identitária e a necessidade de reconstrução cultural vividas pelo refugiado são elementos centrais na teoria de Schütz. O imigrante, por sua vez, é claramente o foco da análise do autor, sendo tratado como o protótipo do estrangeiro em seu esforço de adaptação.

Dessa forma, enquanto o andarilho exemplifica a mobilidade extrema e desvinculada, o apátrida e o refugiado refletem as consequências de mobilidades forçadas. Já o imigrante, em ambos os autores, aparece como o exemplo mais próximo do estrangeiro, seja por sua posição de intermediário social em Simmel, seja por sua tentativa de integração cultural em Schütz.

Posto isso, o conceito de "estrangeiro" apresentado nas obras de Georg Simmel e Alfred Schütz oferece uma base teórica rica para compreender diferentes dinâmicas sociais associadas a indivíduos em situações de mobilidade. Apesar de ambos os autores compartilharem uma preocupação central em definir o papel social do estrangeiro, suas análises destacam

abordagens específicas que podem ser aplicadas ou contrastadas com as categorias contemporâneas de apátridas, refugiados, andarilhos e imigrantes, por exemplo.

Assim, a mobilidade é um elemento central para compreender as categorias analisadas. Para Simmel, a mobilidade é um traço distintivo do estrangeiro, mas não no sentido de deslocamento constante, e sim na ideia de que ele é "movimento fixado", alguém que pertence e, ao mesmo tempo, não pertence ao grupo social. Já em Schütz, a mobilidade é tratada em termos de transição cultural: o estrangeiro é aquele que se desloca entre dois mundos simbólicos e precisa construir uma ponte para compreender e ser compreendido.

É necessário esclarecer também que apesar de Schütz delimitar o estrangeiro como sendo um imigrante, não deixa de lado a possibilidade de ele ser apátrida ou refugiado, por exemplo, dando a entender que todos passam por essa crise ao chegarem nesse novo ambiente. Da mesma maneira, apesar de ambos os autores, Simmel e Schütz, utilizarem as palavras “estrangeiro” e “imigrante” como sendo sinônimos, no âmbito jurídico-administrativo, são tratados de maneira diferente. Segundo Sayad (1998), essas denominações não refletem o mesmo status social, visto que estrangeiros têm um status jurídico definido por lei e Estatuto próprio, enquanto imigrantes são vistos através de uma construção social que os associa frequentemente a países economicamente menos desenvolvidos. Assim, embora imigrantes sejam juridicamente estrangeiros, eles são estigmatizados por sua origem em países com altos níveis de pobreza e desenvolvimento limitado, enquanto estrangeiros de países desenvolvidos não enfrentam essas mesmas associações.

“Como Sócrates, o imigrante é o atopus, sem lugar, deslocado, inclassificável (...). Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o imigrante situa-se nesse lugar bastardo de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social. Deslocado, no sentido de incongruente e de importuno, ele suscita o embaraço; e a dificuldade que se experimenta em pensá-lo – até na ciência, que muitas vezes adota, sem sabê-lo, os pressupostos ou as omissões da visão oficial – apenas reproduz o embaraço que sua inexistência incômoda cria. Incômodo em todo lugar e que doravante tanto em sua sociedade de origem quanto em sua sociedade receptora, ele obriga a repensar completamente a questão dos fundamentos legítimos da cidadania e da relação entre o Estado e a Nação ou a nacionalidade. Presença ausente, ele nos obriga a questionar não só as reações de rejeição, que ao considerar o Estado com uma expressão da Nação, justificam-se pretendendo fundar a cidadania na comunidade de língua e de cultura (quando não de raça), como também a generosidade assimilacionista que, confiante em que o Estado, armado com uma educação, saberá produzir a Nação, poderia dissimular um chauvinismo do universal. Entre as mãos de semelhante analista, o imigrante funciona, como podemos notar, como um extraordinário analista das regiões mais obscuras do inconsciente.” (BOURDIEU, 1991, p. 11).

5. Conclusão

Ao revisitar as ideias de Georg Simmel e Alfred Schütz, este artigo demonstrou que o conceito de "estrangeiro" transcende as teorias clássicas e se torna uma ferramenta interpretativa essencial para compreender as dinâmicas sociais do presente. Simmel destaca o estrangeiro como uma figura paradoxal, simultaneamente próxima e distante, cuja posição na sociedade é marcada por tensões entre inclusão e exclusão. Schütz, por sua vez, complementa essa análise ao enfatizar a experiência subjetiva do estrangeiro, oferecendo uma visão detalhada dos desafios de adaptação cultural e reconstrução identitária. Juntos, esses autores fornecem uma base teórica rica para abordar as questões contemporâneas de mobilidade, pertencimento e alteridade.

Essa análise revelou que as contribuições de Simmel e Schütz permanecem relevantes ao interpretar fenômenos como a xenofobia, a marginalização e as desigualdades estruturais enfrentadas por migrantes, refugiados e apátridas. Por exemplo, a ideia de Simmel sobre a objetividade do estrangeiro ilumina como indivíduos em mobilidade podem oferecer novas perspectivas e enriquecer os grupos que os acolhem, ao mesmo tempo em que enfrentam preconceitos e desconfiança. Já a ênfase de Schütz na crise identitária e nas "receitas" culturais fornece ferramentas para compreender os processos de integração e os desafios de convivência em sociedades marcadas pela diversidade cultural.

Além disso, o estudo comparativo entre Simmel e Schütz apontou para a necessidade de se repensar as categorias tradicionais de análise no campo das migrações. Enquanto Simmel oferece uma visão estruturada e objetiva do papel social do estrangeiro, Schütz aprofunda-se nas dinâmicas subjetivas e nos processos de adaptação. Essas abordagens complementares sugerem que a condição de estrangeiro não é fixa, mas moldada por interações sociais, políticas públicas e dinâmicas culturais em constante transformação.

Ao refletir sobre as implicações dessas teorias para o contexto atual, percebe-se que o estrangeiro não é apenas uma figura marginal, mas um agente de mudança que desafia as normas estabelecidas e promove a renovação das estruturas sociais. Reconhecer o estrangeiro

como parte integrante das relações sociais nos convida a reavaliar nossos preconceitos e a construir pontes em vez de barreiras. Em um mundo globalizado e interconectado, onde a mobilidade humana é cada vez mais intensa, essas reflexões tornam-se indispensáveis para repensar os conceitos de cidadania, pertencimento e igualdade.

Por fim, este artigo não apenas buscou ampliar a compreensão teórica sobre o estrangeiro, mas também inspirar novos debates acadêmicos e sociais. As ideias de Simmel e Schütz continuam a iluminar as complexidades da vida contemporânea, oferecendo caminhos para uma convivência mais inclusiva e solidária. Afinal, compreender o estrangeiro é, em última análise, compreender a nós mesmos e o lugar que ocupamos em um mundo em constante transformação.

5. Referências

BOTEGA, Tuíla. Mobilidade social. In: CAVALCANTI, Leonardo et al (org.). Dicionário crítico das migrações internacionais. Brasília: EDUNB, 2017. p. 495.

CAVALCANTI, Leonardo. Imigrante. In: CAVALCANTI, Leonardo et al (org.). Dicionário crítico das migrações internacionais. Brasília: EDUNB, 2017. p. 495.

CONVENÇÃO relativa ao estatuto dos refugiados. 1 janeiro 1951. Disponível em: https://www.acnur.org/br/sites/br/files/2024-09/convencao_relativa_ao_estatuto_dos_refugiados.pdf. Acesso em: 7 set. 2024.

CONVENÇÃO sobre o estatuto dos apátridas. 28 setembro 1954. Disponível em: https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Convencao_sobre_o_Estatuto_dos_Apatridas_de_1954.pdf. Acesso em: 7 set. 2024..

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

KRIPKA, SCHELLER, BONOTTO. Pesquisa documental na pesquisa qualitativa: conceitos e caracterização. *Revista de Investigaciones de la UNAD*, 2015, vol 14.

MARIZ, Cecília L. O estrangeiro e o homem moderno. **Cadernos de Estudos Sociais**, [S. l.], v. 4, n. 1, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CAD/article/view/1037>. Acesso em: 12 nov. 2024.

NASCIMENTO, Eurípedes; JUSTO, José. Andarilho. In: CAVALCANTI, Leonardo et al (org.). *Dicionário crítico das migrações internacionais*. Brasília: EDUNB, 2017. p. 495.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição*. Editora Feevale, 2013.

RAPHAEL, F. “L’étranger” de Georg Simmel. In: WATIER, P. (Sous la direction de). *Georg Simmel. La sociologie et l’expérience du monde moderne*. Paris: Méridiens Klincksieck, 1986, p. 257-279.

SANTOS, Patrícia. Figuras párias em Georg Simmel: a mulher, o pobre, o estrangeiro. *Revista Civitas*, p.1-11, 2020.

SAKVARELIDZE, David. David Sakvarelidze: depoimento [fev, 2022]. Entrevista online concedida ao jornal BBC. Disponível em: ["European people with blue eyes and blonde hair being killed" what a BBC interviewee commented.](#)

SAYAD, A. (1998). *A Imigração. Ou os Paradoxos da Alteridade*. São Paulo, Edusp.

SAYAD, A. (2000). O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante. *Travessia*, número especial.

SIMMEL, G. O Estrangeiro. In: MORAES FILHO, Evaristo de (org.). 1983. *Simmel – Sociologia*. São Paulo: Ática. Coleção Grandes Cientistas Sociais, vol. 34. p.182- 188.

SITOE, António Raúl. A categoria imigrante/estrangeiro numa perspectiva interdisciplinar: o estranho na comunidade do destino. Pesquisa e educação a distância, 2023.

SCHÜTZ, Alfred. O estrangeiro—um ensaio em psicologia social. Revista Espaço Acadêmico, v. 10, n. 113, p. 117-129, 2010.

TEDESCO, Carlos. O estrangeiro/imigrante na modernidade: horizonte de tensões externas e internas. Síntese de algumas concepções de Simmel, Elias/Scotson e Freud. Revista de ciências sociais: RCS, p. 1-7, 2016.

WAIZBORT, L. As aventuras de Georg Simmel. São Paulo: Editora 34, 2000.

WIKIPÉDIA. "Alfred Schütz." Wikipedia, 2024. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Alfred_Sch%C3%BCtz. Acesso em 16 nov. 2024.